

Por Dentro da Esquerda Revolucionária Americana

Uma arrepiante incursão aos bastidores do movimento radical que atualmente prega — e pratica — a revolução nos Estados Unidos

T. EDWARD MOSHER

DURANTE dois anos, eu trabalhei em Chicago para a Students for a Democratic Society (S. D. S.), organizando grupos operários, articulando greves de aluguel com locatários mal alojados, participando de agitações contra «brutalidades policiais». No verão de 1968, fui um dos 42 jovens americanos que voaram do México para Havana.

Não era comunista. Na realidade, nem chegara a ser um radical. Dei-

No comêço dêste ano, T. Edward Mosher depôs em Washington perante um Subcomité do Senado para Segurança Interna sôbre as suas atividades na Nova Esquerda. Eis a sua história com todos os detalhes.

xara a Universidade de Stanford havia três anos para me juntar ao movimento de direitos civis no Mississípi, regressando depois a Chicago a fim de participar no plano de «Ação Comunitária» da S. D. S. Sem nada melhor para fazer, agradava-me a idéia de uma viagem, com tudo pago, para observar «o socialismo em ação».

Revelações. Como membros do segundo grupo da S. D. S. a visitar Cuba, desafiando a proibição americana de ir a êsse país, fomos tratados como reis: finíssima comida, os vinhos mais caros, os melhores charutos. Todavia, apesar da acolhida extremamente hospitaleira,

a viagem constituiu para mim uma revelação. Para os cubanos, a comida era rigorosamente racionada. Armazéns onde antes se vendia de tudo agora estavam vazios.

Os nossos guias extasiaram-se quando nos mostraram um conjunto residencial modelo, mas os prédios de apartamentos, mal construídos, com centenas de famílias amontoadas em cubículos, eram tristes e deprimentes. Lembro-me de ter pensado que, se era aquilo o melhor que a revolução podia oferecer, então a esquerda americana tinha sido enganada.

Ainda mais inquietante do que ver com os próprios olhos o fracasso da revolução cubana era o fato de os cubanos estarem seriamente empenhados em exportar terrorismo político. Para mim, Fidel Castro e «Che» Guevara haviam sido românticos heróis populares que tinham combatido — e vencido — o odiado ditador Batista. Para os nossos anfitriões cubanos, eles eram, porém, algo mais: modelos vivos para os povos «oprimidos» de todo o mundo — e isto incluía-nos. Cada dia que lá passamos foi destinado a exaltar e fortalecer nosso espírito revolucionário, visando a criar uma frente de luta nos Estados Unidos.

Os cubanos proporcionaram-nos contatos pessoais com guerrilheiros de todo o mundo. Um terrorista Vietcong contou-nos com que facilidade colocara uma bomba num restaurante de Saigon, causando a morte de 40 pessoas. Outro guerri-

lheiro, gravemente ferido, que acabara de ser evacuado da Venezuela, fez-nos um relato pungente da luta contra o «imperialismo ianque». Finalmente, um padre expulso da Guatemala por colaborar com os comunistas incitou-nos a bombardear as juntas de recrutamento. «Arrastem o clero para a vossa luta», disse êle, «e poderão assim legitimar a violência.»

Durante cinco semanas, ouvimos vezes sem conto o mesmo refrão: «Se nós o pudemos fazer, vocês também podem.» No final da estada, os americanos davam provas de fervor revolucionário rasgando a sua própria bandeira, aplaudindo filmes norte-vietnamitas em que se via aviões americanos serem abatidos. Alguns chegaram a gravar em filme mensagens que depois seriam transmitidas pela Rádio Hanói para os militares americanos, aconselhando-os a aderir à «revolução mundial».

Num Mundo de Terror. Regressei muito mais prudente e informado, profundamente chocado pela verificação de que aquilo que os cubanos chamavam «frente de luta» estava na realidade sendo criado nos Estados Unidos. A caminho de Stanford para retomar os estudos, interrompi a viagem a fim de me encontrar com alguns velhos amigos na reunião do conselho nacional da S. D. S., em Boulder, no Colorado. Se alguma coisa fortaleceu a minha determinação de abandonar o movimento, foi essa reunião.

Fiquei num abrigo de montanha,

na companhia de um grupo de dirigentes da S. D. S. Os temas principais foram a revolução violenta, a necessidade de atacar os «porcos» — agentes da polícia — de colocar bombas nos edifícios públicos, enfim, de praticar a violência pela violência. Frisou-se ainda a importância das drogas e de desenfreadas orgias sexuais para ajudar a romper quaisquer laços com o mundo «burguês».

Depois de me matricular em Stanford, tentei absorver-me nos estudos. Existia, porém, no meu espírito, uma grave dúvida sobre se as autoridades teriam adequado conhecimento do funcionamento interno do movimento revolucionário. Por outro lado, era-me impossível ignorar as manchetes quase diárias sobre incêndios provocados, explosões, bombas e mortes por todo o país. Depois de grande debate interior, dirigi-me à agência do F. B. I. em Palo Alto, contei detalhadamente minha experiência cubana e descrevi o que pensava serem os fatos mais recentes na área da esquerda revolucionária.

«Ótimo», disse o agente. «Gostaríamos que penetrasse o mais possível na organização revolucionária.»

Durante os dois anos seguintes tive duas vidas: de dia, era um estudante de economia, de noite, um membro do obscuro mas muito atuante mundo da guerrilha clandestina. Forneci ao F. B. I. e às autoridades estaduais e locais farta informação sobre a Nova Esquerda e a atividade dos militantes negros

na zona norte da Califórnia. Vivia com medo, sabendo que um único passo em falso podia significar a morte.

Combatente Revolucionário.

Não foi problema penetrar na comunidade radical de Stanford. O fato é que, devido à minha experiência cubana, era muito procurado. Na manhã de 9 de abril de 1969, um grupo de 400 extremistas — comigo na primeira linha — assaltou o Laboratório de Eletrônica Aplicada e ocupou suas instalações durante nove dias. Várias vezes fui com ativistas às montanhas para praticar tiro com fuzis de alta potência e armas automáticas. Em julho, fui abordado por dirigentes do Comité de Ação Direta de Oakland (O. D. A. C.), grupo extremamente disciplinado de militantes negros, que se dedicava à «revolução a sério». O que eles queriam: «Você é duro e sabe manejar uma arma. Precisamos de alguém assim para nos ajudar a 'cobrar impôsto' do comércio de drogas.»

Participei de três equipes de ação do O. D. A. C. Disfarçados com perucas e óculos escuros, invadíamos a casa de um traficante e explicávamos nossa missão: «Você tem obtido grandes lucros explorando o povo. A partir de agora, partilhará conosco o dinheiro e as drogas — que nos encarregaremos de vender — para ajudar a luta revolucionária do povo.»

«Cobrar impôsto» sobre o comércio de drogas não era uma operação isenta de riscos, embora, como é

óbvio, as vítimas não se queixassem à polícia. Os traficantes acabaram descobrindo que eu trabalhava para o O. D. A. C. Numa noite de setembro, quando entrava em casa, acenderam-se simultaneamente os faróis de três carros. Um pistoleiro disparou, mas errou, enquanto eu mergulhava para dentro de casa. Logo fiquei sabendo, por informantes clandestinos, que traficantes de drogas da área de Stanford tinham «contratado» o meu assassinato com um grupo de Hell's Angels («Anjos do Inferno») — bando de motociclistas marginais.

«Não tem problema», tranquilizaram-me os meus camaradas do O. D. A. C. Vinte e quatro horas depois, explodia uma bomba no quartel-general dos Hell's Angels, em Oakland. Acabaram os atentados contra a minha vida.

Espalhou-se rapidamente entre os revolucionários negros que eu era um dos poucos brancos em quem podiam confiar. Passei longas horas com Mandy Williams, diretor das operações militares clandestinas dos Panteras Negras. Em 28 de maio de 1970, encontrei-me com êle no banco de um parque de Oakland, e êle referiu-se à «bravura» dos seus homens durante um ataque ao Corporation Yard de Oakland, onde recolhem os carros da polícia. Quando uma enorme bomba colocada na carroçaria de uma viatura não explodiu, foi enviado um homem para proceder à recuperação do engenho, rastejando sob uma cêrca. Avistado por um guarda,

feriu-o mortalmente. Williams estava exultante.

Um Monte de Cinzas. Quanto mais penetrava no movimento, mais claro ficava que a tragédia não se limita ao abate de inocentes. Compreende ainda o inútil desperdício de um enorme potencial, a destruição de pessoas basicamente honestas apanhadas no remoinho do ódio e da retórica revolucionária.

Vejam, por exemplo, o caso de Jimmy Johnson, jovem e inteligente negro que conheci em Stanford, em 1963. Jimmy era um estudante brilhante, ao ponto de ser cortejado por certos intelectuais brancos, que acabaram atraíndo-o. Os radicais de Stanford serviam-se de Jimmy para transportar explosivos para os negros da área da Baía de San Francisco. Convenceram-no a ingressar num coletivo de extremistas brancos e, quando Jimmy foi prêso, acusado de dois delitos de pequena gravidade, caíram sobre êle. «Você vai ficar anos na cadeia», disseram-lhe. Dia após dia, repetiam-lhe que aproveitasse a liberdade sob fiança para fugir e se esconder num abrigo revolucionário nas montanhas de Santa Cruz.

Foi o que Jimmy acabou fazendo. Foi levado para as serras e deixaram-no numa cabana úmida. De tempos em tempos levavam-lhe alimentos desidratados. Em troca, Jimmy instruía várias equipes de ação no manejo de explosivos. Em janeiro passado, fui às montanhas. Jimmy lá estava, sozinho. «Há algumas semanas queimaram um 'porco'

aqui», deixou êle escapar. Depois, terrivelmente perturbado, contou-me uma história inacreditável.

Os Panteras Negras tinham decretado a morte de um suposto informante, capitão do grupo, de nome Fred Bennett. (As autoridades estão convencidas que o seu único «crime» foi o de se envolver numa aventura romântica com a mulher de um líder dos Panteras.)

Foi firmado contrato com um assassino da pior espécie, que atraiu Bennett às montanhas sob o pretexto de treinarem com explosivos, perto do esconderijo de Johnson. Os dois conversaram algum tempo com Jimmy e depois afastaram-se. Instantes mais tarde, ouviram-se três detonações, e daí a pouco o criminoso regressava sozinho ao abrigo.

«Um 'porco' a menos!» exclamou. «Vê se está bem morto.» O que Jimmy viu virou-lhe o estômago: um cadáver irreconhecível, com o crânio esfacelado. O assassino despejou uma lata de 40 litros de gasolina sobre o corpo de Bennett e ateou-lhe o fogo. O corpo ardeu durante 12 horas.

«Foi há duas semanas», disse-me Johnson, soluçando. «Estou ficando louco. Tenho de sair daqui.» Fiz-lhe companhia até San José, e quando êle saltou do caminhão senti que nunca mais o voltaria a ver.

Corri para o F. B. I. Embora as buscas efetuadas na montanha não revelassem quaisquer indícios de homicídio (foram encontrados mais de 35 quilos de dinamite, nitroglicerina e outros explosivos), eu não

conseguia tirar da cabeça a horrível narrativa.

Uma semana depois, voltei ao acampamento e explorei, durante horas, o terreno acidentado da serra. Finalmente, debaixo de uma árvore calcinada pelo fogo, descobri um montinho de cinzas, fragmentos enegrecidos que pareciam ossos, um par de chaves e um botão. Trouxe comigo estas provas, que recolhi num saco de plástico. Demoradas análises patológicas permitiram identificar os restos como sendo os de Fred Bennett.

Oficialmente, o caso Bennett não tem solução. O suspeito homicida foi prêsso, acusado apenas de um delito menor: o de discutir na sala do tribunal. Jimmy Johnson, a única testemunha que poderia culpar o assassino, passou à clandestinidade e é agora um fugitivo desesperado. Sua vida, tão promissora, foi destroçada.

Ameaça Interna. Depois de mais de cinco anos de movimento — dois deles como agente secreto — sentia-me física e emocionalmente esgotado. Realizara a missão de que fora incumbido. Com a minha ajuda, as autoridades conheciam agora a identidade de numerosos terroristas da área da Baía de San Francisco e podiam controlá-los de perto. Senti que era chegado o momento de me afastar, mas queria primeiro exprimir a minha inquietação pelo que via acontecer no meu país e informar o maior número possível de pessoas sobre uma grave ameaça interna.

Fui para Washington e testemuniquei numa sessão executiva, perante um Subcomité Judiciário do Senado. Expus então o meu juízo sobre as atividades da esquerda revolucionária. A situação não tende a melhorar. O número de indivíduos prontos a praticar atos de terrorismo revolucionário cresce de dia para dia, e os revolucionários — Panteras Negras, membros da S. D. S. e uma multidão de grupos menos conhecidos — estão-se tornando mais experientes e mais bem organizados. As equipes de ação são responsáveis por milhares de episódios de sabotagem de uma costa à outra e centenas de homens e mulheres estão preparados para ferir e matar.

Estou bem consciente, ao narrar

a minha história, dos graves riscos pessoais que corro. Vi com meus próprios olhos os horríveis efeitos de uma execução política, mas não me exponho a riscos desnecessários. Deixei a área da Baía de San Francisco. Ando geralmente disfarçado e trago sempre uma arma comigo. Passarão meses, talvez anos, até que eu possa levar uma vida normal.

Embora seja moda hoje, em certos círculos, depreciar os chamados «dedos duros», não me envergonho do que fiz. Sinto-me, na realidade, orgulhoso por ter ajudado a alertar o povo americano para as atividades de extremistas, os quais não hesitarão em dinamitar e matar cidadãos inocentes, para dêsse modo realizarem uma espécie sombria de revolução.



QUANDO minha filha estava grávida do primeiro filho, resolveu mostrar-se alegre e animada durante o parto. De modo que, enquanto arrumava sua valise, escolheu cuidadosamente um livro para ler durante sua estada na sala de parto.

Várias horas depois de ter dado entrada no hospital, o médico assomou à porta da sala de espera. Meu genro levantou-se de um pulo e perguntou:

— Como vai Anita?

— Muito bem — respondeu o médico. — Está na página 154. — F. K.



O FILHO de uma amiga minha, recruta, longe de casa pela primeira vez, certa noite telefonou para a mãe, quando estava numa licença de três dias. Quando ela perguntou o que estava fazendo, a resposta foi: «Estou sentado num quarto de hotel com três camaradas, bebendo cerveja e olhando pela janela, vendo passar todos êsses malandros de cabelos compridos.» Depois, muito triste, acrescentou: «Quem me dera ser um dêles.» — H. I. T.